

JENNIFER ARMENTROUT

# ESPERO POR TI

Tradução de Inês Amado

5 SENTIDOS

# Capítulo 1

Havia duas coisas na vida que me deixavam cheia de medo. Acordar a meio da noite e descobrir um fantasma, com a cara transparente encostada à minha, era uma delas. Algo bastante improvável, mas ainda assim muitíssimo assustador de contemplar. A segunda coisa: chegar atrasada a uma sala de aulas.

Detestava com todas as minhas forças chegar atrasada.

Não suportava que as pessoas se voltassem no lugar e ficassem especadas a olhar para mim, o que parecia acontecer sempre que alguém entrava na sala um minuto depois de a aula ter começado.

Por isso durante o fim de semana tinha estudado obsessivamente no Google a distância entre o meu apartamento em University Heights e o parque de estacionamento para alunos. Cheguei mesmo a fazer duas vezes o percurso de carro para ter a certeza de que o Google não me andava a enganar.

Um quilómetro e novecentos metros.

Cinco minutos no carro.

Até saí um quarto de hora adiantada para poder chegar dez minutos antes de a aula das nove e dez começar.

Fora dos cálculos tinha ficado a fila trânsito de um quilómetro junto do sinal de Stop, porque Deus nos livrasse de haver um semáforo na parte histórica da cidade, e o facto de não haver nem um único lugar para estacionamento no *campus*. Tive de deixar o carro perto da estação de comboios adjacente, desperdiçando tempo precioso à procura de moedas para o parquímetro.

«Se fazes questão de te mudar para o outro lado do país, pelo menos, fica num dos dormitórios. Há dormitórios lá, certo?» A voz da minha mãe filtrava-se pelos meus pensamentos quando parei diante do Edifício de Ciências Robert Byrd, sem fôlego por ter subido a correr desalmadamente a mais íngreme e inconveniente colina com que alguma vez me deparara.

É claro que não tinha escolhido ficar no dormitório, porque tinha a certeza de que, num dado momento, os meus pais apareceriam sem aviso e começariam a *julgar* e a *conversar*, e preferia morrer a sujeitar um espectador inocente a isso. Ao invés, fiz uso do meu dinheiro sujo, ganho a pulso, e aluguei um T2 perto do *campus*.

O senhor e a senhora Morgansten detestaram a ideia.

E isso deixou-me muitíssimo feliz.

Porém, começava agora a arrepender-me daquele meu pequeno gesto de rebeldia, porque, enquanto me afastava a correr do calor húmido de uma manhã de finais de agosto e entrava no edifício arrefecido pelo ar condicionado, passavam já dez minutos das nove, e a minha aula de Astronomia era no segundo andar. E por que raio escolhera Astronomia?

Teria sido porque a mera ideia de assistir a uma outra aula de Biologia me deixava agoniada? Pois. Era isso mesmo.

Ao correr pela escadaria larga acima, enfiei pelas portas duplas e embati contra uma parede de tijolo. Cambaleando para trás, os braços agitaram-se como os de um polícia sinaleiro sob o efeito de drogas. A mala a abarrotar escorregou, arrastando-me para um dos lados. O cabelo cobriu-me a cara, um lençol acobreado que obscurecia tudo enquanto eu vacilava numa situação periclitante.

Ai, meu Deus, estava a cair. Não havia como travá-lo. Imagens de pescoços partidos dançavam-me na mente. Ia ser tão tramado...

Algo forte e duro enlaçou-se em volta da minha cintura, impedindo-me de uma queda livre. A minha mala caiu no chão, cuspindo livros e canetas excessivamente caros pelo pavimento brilhante. As minhas canetas! As minhas gloriosas canetas rebolavam em todas as direções. Um segundo depois, estava colada à parede.

Uma parede estranhamente quente.

Uma parede que se riu.

– Eh lá! – disse uma voz profunda. – Estás bem, querida?

Aquela parede estava *tão* longe de ser uma parede! Era um rapaz. O meu coração parou, e, por um segundo assustado, senti um nó no peito e não consegui mexer-me ou pensar. Voltei atrás cinco anos. Presa. Não me conseguia mexer. O ar saltava-me nos pulmões a uma velocidade dolorosa enquanto um formigueiro se espalhava pela parte de trás do meu pescoço. Todos os músculos bloqueados.

– Ei! – A voz suavizou-se, com uma ponta de preocupação. – Estás bem?

Obriguei-me a inspirar fundo, a apenas respirar. Precisava de respirar. Inspirar. Expirar. Praticara aquilo vezes sem conta durante cinco anos. Já não tinha catorze. Não estava ali. Estava *aqui*, na outra ponta do país.

Dois dedos pressionaram-me o queixo, levantando-me a cabeça. Dois olhos azuis e assustados, orlados por grossas pestanas negras, fixavam os meus. Um azul tão vibrante e elétrico, e um contraste tão grande com as pupilas negras, que por instantes duvidei de que fossem reais.

Foi então que caí em mim.

Estava um rapaz a agarrar-me. Nunca nenhum rapaz me tinha abraçado. Não estou a contar com aquela vez porque essa não valeu de nada, e estava comprimida contra ele, coxa com coxa, o meu peito sobre o dele. Como se estivéssemos a dançar. Os meus sentidos entraram em colapso mal inalei o suave aroma da água-de-colónia. Uau! Cheirava bem e parecia cara, como a *sua*...

De repente, a raiva começou a escalar em mim, uma coisa doce e familiar, afastando o velho pânico e a confusão. Agarrei-me a ela desesperadamente e descobri a minha voz.

– Larga-me.

Olhos Azuis deixou cair logo o braço. Desprevenida para a súbita falta de amparo, cambaleei para o lado, recuperando o equilíbrio antes de tropeçar na mala. Arquejando como se tivesse acabado de correr um quilómetro, afastei as madeixas grossas de cabelo da cara e consegui, por fim, olhar bem para Olhos Azuis.

Uau! Olhos Azuis era...

Era lindo em todos os aspetos que fazem com que as raparigas cometam os atos mais estúpidos. Era alto, um ou dois palmos mais alto do que eu, e tinha ombros largos e uma cintura fina. Um corpo de atleta, como o de um nadador. O cabelo ondulado e negro tombava-lhe sobre a testa, as sobrancelhas grossas a condizer. Um maças do rosto salientes e uns lábios expressivos completavam um quadro concebido para deixar as raparigas a babar-se. E aqueles olhos cor de safira, ai, ai, ai, caramba...

Quem poderia pensar que um sítio chamado Shepherdstown albergaria alguém com aquele aspeto?

E fui cair-lhe nos braços. Literalmente. Bonito!

– Desculpa. Estava com pressa para chegar à aula. Estou atrasada e...

Os seus lábios reviraram-se nos cantos enquanto se ajoelhava. Começou a apanhar as minhas coisas e por breves instantes tive vontade de chorar. Sentia as lágrimas avolumarem-se-me na garganta. Agora é que estava mesmo atrasada, nem pensar em entrar naquela sala de aula no primeiro dia. Falta.

Baixando-me, deixei o cabelo esconder-me o rosto e comecei a apanhar as canetas.

– Não precisas de me ajudar.

– Não custa nada. – Pegou num pedaço de papel e depois olhou para cima. – Introdução à Astronomia? Também vou para aí.

Que bonito! Seria obrigada a ver durante um semestre inteiro o rapaz que quase matara no corredor.

– Estás atrasado – tartamudeei. – Sinto mesmo muito.

Com todas as canetas e livros de novo na mala, levantou-se para ma devolver.

– Não faz mal. – Lançou de novo um sorriso torcido, revelando uma covinha na bochecha esquerda, embora nenhuma tivesse surgido na direita. – Estou habituado a que as raparigas me caiam nos braços.

Pestanejei, pensando não ter ouvido bem o que Olhos Azuis me dissera, porque certamente não se sairia com uma tirada tão tosca como aquela. Mas fora isso mesmo que fizera e não se ficara por aí.

– Tentarem saltar-me para a espinha é que nunca tinha acontecido. Mas até gostei.

Sentindo o rosto ruborizar-se, despertei do meu torpor.

– Não tentei saltar-te para a espinha nem me atirei a ti.

– Ai não? – O sorriso torcido continuava estampado no seu rosto. – Bom, é uma pena. Caso contrário, este teria sido o meu melhor primeiro dia de aulas de sempre.

Não sabia o que lhe responder enquanto encostava a mala pesada ao peito. Na minha terra, os rapazes não tentavam seduzir-me. A maior parte deles nem ousara olhar na minha direção no secundário e os muito poucos que o haviam feito, bom, não tencionavam meter-se comigo.

O olhar de Olhos Azuis caiu no pedaço de papel que tinha nas mãos.

– Avery Morgansten?

O meu coração bateu acelerado.

– Como é que sabes o meu nome?

Ele inclinou a cabeça à medida que um sorriso se alargava no rosto.

– Está no teu horário.

– Ah, pois. – Afastei as madeixas onduladas do rosto corado. Devolveu-me o horário. Peguei nele, enfiando-o na mala. Uma enorme estranheza abateu-se sobre mim enquanto me debatia com a alça.

– Chamo-me Cameron Hamilton – disse Olhos Azuis. – Mas toda a gente me trata por Cam.

*Cam.* Saboreei o nome, gostando dele.

– Mais uma vez obrigada, Cam.

Ele inclinou-se e apanhou uma mochila preta em que eu não reparara. Várias madeixas de cabelo preto caíram-lhe sobre a testa e, mal se endireitou, afastou-as com a mão.

– Bom, vamos então à nossa entrada triunfal.

Estava paralisada no mesmo sítio enquanto ele se voltava e dava uns quantos passos até à porta fechada da sala 205. Alcançou a maçaneta, olhou sobre o ombro e esperou.

Eu não conseguia. Não tinha nada a ver com o facto de ter esbarrado contra aquele que poderia ser o rapaz mais giro do *campus*.

Não era capaz de entrar na sala e toda a gente se voltar e ficar a olhar para mim. Fartara-me de ser o centro das atenções aonde quer que fosse nos últimos cinco anos. Pérolas de suor coroaram-me a testa. Senti um nó apertado formar-se na barriga mal dei um passo atrás, afastando-me da sala e de Cam.

Ele voltou-se, as sobrancelhas unindo-se numa expressão de curiosidade.

– Estás a ir na direção errada, querida.

Pelos vistos, em toda a vida seguira o rumo errado.

– Não consigo.

– Não consegues o quê? – Deu um passo na minha direção.

Fugi disparada. Dei mesmo meia-volta e corri como se estivesse numa competição para a última chávena de café do mundo. Ao atravessar as malditas portas duplas, ouvi-o gritar o meu nome, mas não parei.

A cara ardia-me enquanto descia as escadas. À saída do edifício de ciências, estava sem fôlego. As minhas pernas continuaram a mover-se até que me sentei num banco diante do edifício da biblioteca. Com a cabeça erguida e os olhos fechados, o sol da manhã parecia demasiado brilhante.

Bolas!

Que raio de maneira de causar uma boa primeira impressão numa cidade nova, numa escola nova... numa vida nova. Fizera mil e quinhentos quilómetros para começar do zero e já estragara tudo numa questão de minutos.

## Capítulo 2

Naquele momento, tinha duas opções: avançar e esquecer aquela tentativa desastrosa de assistir à primeira aula da minha vida acadêmica ou ir para casa, enfiar-me na cama e tapar a cabeça com os lençóis. Queria tanto entregar-me à segunda opção, mas não era uma dessas pessoas.

Se fugir e esconder-me fosse o meu *modus operandi*, nunca teria sobrevivido ao secundário.

Olhei para a larga pulseira de prata no meu pulso esquerdo, assegurando-me de que estava no sítio. Eu quase não sobrevivera ao secundário.

Os meus pais por pouco não tiveram uma síncope quando os informei de que tencionava frequentar uma universidade no outro canto do país. Se fosse Harvard, Yale, ou Sweet Briar, teriam ficado extasiados. Mas uma universidade sem qualquer reputação? Que vergonha! Não percebiam. Nunca perceberam, aliás! Nunca na vida andaria numa universidade onde eles tivessem estudado nem me matricularia nas que os paizinhos ricos lá da terra obrigavam os filhos a frequentar.

Queria ir para um sítio onde não me deparasse com um sorriso familiar, nem ouvisse os murmúrios que *ainda* caíam como ácido dos lábios das pessoas. Para um sítio onde ninguém tivesse ouvido a minha história ou uma qualquer versão da verdade, repetida vezes sem conta a ponto de me deixar a duvidar do que realmente acontecera naquela noite de Halloween cinco anos antes.



Nada disso importava agora. Ninguém me conhecia. Ninguém suspeitava de nada. E ninguém sabia o que a pulseira resguardava nos dias de verão, quando não podia andar de manga comprida.

Vir para aqui fora decisão minha e optara bem.

Os meus pais haviam ameaçado cortar-me a mesada, coisa que achei hilariante. Tinha o meu próprio dinheiro, dinheiro sobre o qual não tinham qualquer controlo depois de ter feito dezoito anos. Dinheiro que *merecera*. Para eles, tinha-os desiludido uma vez mais, mas, caso tivesse continuado no Texas ou perto de qualquer uma daquelas pessoas, estaria morta.

Espreitando as horas no telemóvel, levantei-me e coloquei a mala ao ombro. Pelo menos, não iria chegar atrasada à aula de História.

História era no edifício de ciências sociais, ao fundo da colina que acabara de subir a correr. Atalhei pelo parque de estacionamento nas traseiras do edifício Byrd e atravessei a rua congestionada. À minha volta, os alunos andavam em grupos de dois ou mais, muitos conheciam-se. Em vez de me sentir marginalizada, havia algo de extremamente libertador em ir para uma aula sem ser reconhecida.

Afastando a lembrança do desastroso início dessa manhã, entrei no edifício e segui pelo primeiro lanço de escadas à direita. O corredor do piso de cima estava apinhado de alunos à espera de que as salas se esvasiassem. Abri caminho pelos grupos que se riam, desviando-me dos que pareciam ainda meio ensonados. Ao encontrar um lugar vazio diante da minha sala de aulas, sentei-me de pernas cruzadas, encostada à parede. Passei as mãos pelas calças de ganga, empolgada com a ideia de começar as aulas de História. A maior parte das pessoas morreria de tédio em Introdução à História, mas era a cadeira principal do meu curso.

Com sorte, dali a cinco anos estaria a trabalhar num museu fresco e silencioso ou numa biblioteca, a catalogar artefactos ou textos antigos. Não era, efetivamente, uma profissão muito glamorosa, mas seria perfeita para mim.

Melhor do que aquela que antes queria seguir: a de bailarina profissional em Nova Iorque.

Mais uma coisa que desapontara a minha mãe. Todo aquele dinheiro desperdiçado em aulas de *ballet* desde que eu comecei a

aguentar-me em pé foi deitado a perder depois dos meus catorze anos.

É verdade, porém, que sentia falta daquele efeito calmante da dança. Só não conseguia reunir forças para a retomar.

– Miúda, que estás tu a fazer aí no chão?

Levantei a cabeça e sorri quando vi o sorriso rasgado e luminoso no rosto juvenil e bonito de Jacob Massey. Ficámos amigos na semana anterior, durante os dias de receção aos novos alunos, e ele estava na minha aula seguinte e ainda na de Arte às terças e quintas. Gostei desde logo da sua personalidade extrovertida.

Lancei um olhar de relance às calças elegantes e aparentemente caras que ele usava, reconhecendo aquele corte de marca.

– Está-se bem aqui em baixo. Devas juntar-te a mim.

– Nem penses nisso. Não quero sujar o meu lindo rabo nesse chão.

– Apoiou uma anca contra a parede ao meu lado e sorriu. – Espera. O que estás a fazer aqui a esta hora? Pensei que tinhas uma aula às nove.

– Lembras-te disso? – Tínhamos visto os horários um do outro por um segundo na semana anterior.

Jacob piscou-me o olho.

– Tenho uma memória assustadora para coisas que virtualmente não me servem para nada.

Soltei uma gargalhada.

– É bom sabê-lo.

– Com que então já te baldaste? És uma menina muito, muito má.

Com um estremecimento, anuí com a cabeça.

– Sim, mas estava atrasada e detesto entrar numa aula depois de já ter começado. Portanto, acho que o meu primeiro dia será na quarta, se não desistir antes disso.

– Desistir? Não sejas parva, miúda. Astronomia é canja. Ter-me-ia inscrito se não tivesse ficado lotada num abrir e fechar de olhos quando todos os malditos meninos de quadro de honra se inscreveram.

– Bom, não foste tu que por pouco não matou um rapaz no corredor enquanto corrias para a aula... Um rapaz que por acaso também está inscrito na dita cadeira de canja.

– O quê? – Arregalou os olhos negros, cheio de curiosidade e começou a ajoelhar-se. Alguém lhe chamou a atenção. – Espera só um segundo, Avery. – Depois, começou a acenar com o braço e a saltar. – Ei, Brittany! Mexe esse rabo e anda cá.

Uma rapariga baixinha e loira estacou de repente no meio do corredor e voltou-se na nossa direção, o rosto corado, mas esboçou um sorriso mal deu com Jacob aos saltinhos. Encaminhou-se para nós, parando à nossa frente.

– Brittany, esta é a Avery – declarou Jacob. – Avery, esta é a Brittany. Digam olá.

– Olá – disse Brittany, acenando.

Acenei de volta.

– Olá.

– A Avery estava a contar como quase matou um rapaz no corredor. Pensei que também gostarias de ouvir a história.

Retraí-me, mas o brilho de interesse nos olhos castanhos de Brittany era engraçado.

– Conta, por favor – disse ela sorrindo.

– Bom, na verdade não estive a pontos de quase matar alguém – expliquei, suspirando. – Mas não andei muito longe disso e foi tão, mas tão, embaraçoso.

– As histórias embaraçosas são as melhores – lançou Jacob, ajoelhando-se.

Brittany riu-se.

– Lá isso é verdade.

– Toca a contar!

Ajeitei o cabelo e baixei o tom de voz para evitar que toda a gente no corredor se divertisse com a minha humilhação.

– Estava atrasada para Astronomia e entrei disparada pelas portas duplas no segundo andar. Não estava a ver por onde ia e esbarrei contra um pobre rapaz no corredor.

– Ui! – Uma expressão compreensiva tomou conta do rosto de Brittany.

– Pois, e, bom, quase o atirei ao chão. Deixei cair todas as minhas coisas. Livros e canetas voavam por todo o lado. Foi bastante mau.

Os olhos de Jacob brilhavam cheios de humor.

– Era giro?

– Como?

– Era giro? – voltou a perguntar, enquanto passava uma mão pelo cabelo rente. – Porque, se era giro, deverias ter usado isso em teu proveito. Poderia ter-se tornado o melhor quebra-gelo de sempre. Por exemplo, vocês poderiam apaixonar-se loucamente e contar a todos que tu te atiraste a ele antes de ele se ter atirado a ti.

– Meu Deus! – Sentia um calor familiar apoderar-se do meu rosto. – Sim, ele era mesmo muito bem-parecido.

– Oh, não – exclamou Brittany, que parecia ser a única outra pessoa a reconhecer que o facto de ser um rapaz giro fazia daquela situação uma coisa muito mais embaraçosa. Acho que é preciso ser-se do sexo feminino para entender este tipo de coisas, porque Jacob parecia ainda mais radiante com as notícias.

– Conta lá como é esse rapaz bem-parecido? É um pormenor essencial.

Parte de mim não queria dizer, porque pensar em Cam me deixava muitíssimo desconfortável.

– Hum, bem... acho que era muito alto e bem-constituído.

– Como é que sabes que era bem-constituído? Também o apalpaste?

– Fui contra ele, Jacob. E ele apanhou-me. Não o estava a apalpar de propósito, mas pareceu-me que tinha um grande corpo. – Encolhi os ombros. – Adiante, tinha cabelo preto e ondulado. Mais comprido do que o teu, mais ou menos desalinhado, mas de uma forma...

– Ai, miúda, se me dizes que era o desalinhado do tipo estou-me-nas-tintas-sou-lindo-de-morrer, também quero esbarrar contra ele.

Brittany soltou uma risadinha.

– Adoro esses cabelos.

Por instantes, pensei se a minha cara estaria tão corada como me parecia.

– Pois, era assim mesmo. Era lindo e tinha uns olhos tão azuis que pareciam...

– Espera lá! – exclamou em sobressalto Brittany, os olhos esbugalhados. – Eram tão azuis que pareciam falsos? E cheirava super

bem? Sei que isto vai parecer muito estranho, mas responde à pergunta.

Aquilo era um bocado assustador e estranho e muito engraçado.

– Sim a ambas as perguntas.

– Eh, lá! Que grande cena! – Brittany soltou uma gargalhada estridente. – Sabes o nome dele?

Começava a ficar preocupada, porque Jacob tinha também uma expressão luminosa estampada no rosto.

– Mas... mas porquê?

Brittany deu uma cotovelada a Jacob e depois baixou o tom de voz:

– Seria Cameron Hamilton?

Fiquei boquiaberta.

– Era mesmo. – Brittany agitava os ombros. – Foste contra o *Cameron Hamilton*?

Jacob não se estava a rir. Limitava-se a olhar fixamente para mim com uma expressão de... pasmo.

– Neste momento, estou com tanta inveja de ti. Daria o meu testículo esquerdo para esbarrar contra o Cameron Hamilton.

Ri, meio chocada.

– Bem, isso é mesmo uma questão séria.

– O Cameron Hamilton é coisa séria, Avery. Não tens como saber. Não és daqui – explicou Jacob.

– Tu também és caloiro. Como é que o conheces? – perguntei, porque Cameron parecia demasiado velho para ser caloiro. Tinha de estar, pelo menos, no segundo ou no terceiro ano.

– Toda a gente no *campus* já ouviu falar dele – respondeu.

– Mas tu estás aqui há menos de uma semana!

Jacob esboçou um sorriso.

– Ando informado.

Ri-me, abanando a cabeça.

– Não percebo. Está bem, o tipo é bonzão, mas e daí?

– Andei na escola com o Cameron – explicou Brittany, olhando em redor. – Quero dizer, ele era dois anos mais velho do que eu, mas era a estrela lá do sítio. Toda a gente queria dar-se com ele ou fazer parte do círculo dele. Aqui, passa-se basicamente o mesmo.

A minha curiosidade despontou, apesar de as palavras de Brittany me lembrarem outra pessoa.

– Então, e vocês são daqui?

– Não, somos dos arredores de Morgantown, da zona de Fort Hill. Não sei porque é que ele escolheu esta universidade, e não a WVU, mas eu optei por ela para sair da cidade e não ficar presa àquelas pessoas de sempre. – Percebia bem aquilo. – Adiante. O Cameron é conhecido no *campus*. – Jacob esfregou as palmas das mãos. – Vive fora e consta que dá as melhores festas de sempre e...

– Tinha cá uma fama no secundário – interrompeu Brittany. – Uma fama bem merecida. Não me interpretes mal. O Cameron sempre foi um tipo muito fixe. Muito porreiro e engraçado, mas naqueles tempos era um mulherengo do pior. Parece que assentou um bocadinho desde então, mas as pessoas não mudam...

– Certo. – Remexi na pulseira. – É bom sabê-lo, mas não tem qualquer importância. Quero dizer, choquei contra ele num corredor. Eis até que ponto conheço o Cam.

– O Cam? – Brittany pestanejou.

– Sim? – Levantei-me e agarrei na mala. As portas abrir-se-iam em breve.

Brittany arqueou as sobrancelhas.

– As pessoas que ele não conhece tratam-no por Cameron. Só os amigos é que lhe chamam Cam.

– Ah! – Franzi o sobrolho. – Ele disse-me que o tratavam por Cam e, portanto, presumi que era assim que lhe chamavam.

Brittany não respondeu, e eu sinceramente não via razão para tanto burburinho. Cam/Cameron/Não-Sei-Quantos limitou-se a ser educado depois de eu o ter atropelado. O facto de ser um mulherengo e um folião não me dizia nada a não ser para me afastar o mais possível dele.

As portas abriram-se, e os alunos encheram o corredor. O nosso pequeno grupo esperou que o movimento acalmasse antes de entrar, escolhendo três lugares na última fila, com Jacob entre as duas. Enquanto tirava da mala o meu caderno enorme, do tipo arma de arremesso, Jacob agarrou-me no braço e disse com uma expressão travessa e divertida:

– Não podes desistir de Astronomia. Para conseguir sobreviver a este semestre, tenho de viver através de ti e saber notícias do *Cam* pelo menos três dias por semana.

Sorri.

– Não vou desistir da cadeira.... – Embora, no fundo, o desejasse. – Mas duvido de que vá ter novidades para te contar. Provavelmente nem voltamos a falar.

Jacob largou-me o braço e recostou-se na cadeira, fixando os olhos em mim.

– Famosas últimas palavras, essas, Avery.